

**ESTUDO
DO
VOTO
DE
JEFTÉ**

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Whatsapp: 13 996220766

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 Escriba de Cristo, 1969 –

Estudo do voto de Jefté

Nazaré / Israel , Amazon.com

Clubedesautores.com.br, 2020, 101 p. ; 21 cm

ISBN: 9798582076513 Edição 1°

1. Jefté 2. Voto e promessa a Deus
3. Sacrifício Humano 4. Israel 5. Judaísmo

CDD 170 / 220

CDU / 17 24/42

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CNPJ 66.504.093/0001-08

TEXTO PRINCIPAL

Este livro tem como uma das bases o texto de Jônatas de Mattos Leal (1 Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia - SALT. Membro do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações – UNICAP, Professor de Línguas Bíblicas no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, sede regional Instituto Adventista de Ensino do Nordeste) da qual faço minhas ponderações sobre o trabalho extenso e profundo que ele já desenvolveu.

Resumo

A história do sacrifício da filha de Jefté, registrada em Juízes 11,29-40, sempre provocou emoções distintas. Tais emoções estão refletidas na produtiva história da interpretação da passagem na tradição judaico-cristã. Em geral, a tradição judaica sempre considerou o texto do ponto de vista literal destacando a insanidade do voto e a loucura de seu cumprimento. Por outro lado, por vezes, a tradição cristã ou considerou o voto como tipologicamente apontando para Cristo, ou buscou uma escapatória para o dilema moral entendendo que o voto não foi cumprido literalmente, ou seja, a filha não foi realmente morta, mas dedicada a Javé no serviço do templo durante o resto da vida. Tal passagem torna-se um bom exemplo de como a história da interpretação pode ajudar a elucidar tanto o processo hermenêutico quanto o significado mais adequado de um texto.

INTRODUÇÃO

As questões levantadas pela narrativa do sacrifício da filha de Jefté em Jz 11, 29-40 nutriram uma prolífera história de interpretação da perícope ao longo da tradição judaico-cristã. A popularidade da história de Jefté e sua filha não se tem restringido apenas à erudição teológica nos círculos acadêmicos, antes, como afirma Marcus, já em 1948 o professor inglês W.O. Sypherd foi capaz de compilar um livro inteiro documentando onde o tema tem sido usado na literatura, música, pintura e artes afins (gravura, escultura, ilustração manuscrita e tapeçaria) [...] Cerca de 300 obras literárias em quase cada língua moderna, desde a idade média até o final da década de 1940. (MARCUS, 1986, p. 7).

Alguns poderiam indagar sobre a importância do estudo da história da interpretação de Juízes 11,29-40, porém, como se verá, tal estudo mostrar-se-á de grande utilidade para o entendimento adequado da própria passagem, pois nas palavras de Thompson:

Juízes 11 provavelmente levanta menos problemas pelo que é dito do que por aquilo que deixa de dizer. Contudo, as maneiras pelas quais os comentaristas têm preenchido estes silêncios falam-nos muito sobre como ler este texto à luz do testemunho bíblico mais abrangente no que diz respeito ao valor da vida humana. (THOMPSON, 2007, p. 10).

Além disso, conclui-se que, diferentemente do que afirmou Phyllis Trible (1984), a filha sem nome não foi esquecida na “hermenêutica patriarcal”; antes, sua memória foi lembrada por vezes, não só pelas filhas de Israel que a lamentavam quatro vezes no ano, mas pelos

exegetas que, no passado, se debruçaram sobre esse texto.

Tendo isso em vista, esse artigo visa a oferecer uma breve revisão histórica das principais interpretações do sacrifício da filha de Jefté em Jz 11, 29-40 desde a tradição judaica à tradição cristã, com objetivo de refletir como um texto como esse pode sofrer alterações em sua compreensão e de que forma tal revisão histórica pode ajudar na interpretação de uma passagem tão polêmica quanto essa.



2 TRADIÇÃO JUDAICA

Para uma amostra de como o sacrifício da filha de Jefté foi interpretado, dentro dessa tradição separaram-se quatro testemunhos que tratam de Jz 11, 29-40.

Eles seguem abaixo e são: o Targum de Juízes, as “Antiguidades Bíblicas de Filo” de PseudoFilo, as “Antiguidades Judaicas” de Flávio Josefo, e a literatura midráshica que trata da narrativa, cuja composição data

de 400-1200 d.C., mas reflete tradições orais muito mais antigas.

Um importante testemunho da interpretação judaica primitiva são os Targumin, que, nos estudos bíblicos, designa uma “tradução judaica primitiva da Bíblia para o Aramaico” (ALEXANDER, 1996, p. 320). Porém, mais do que uma tradução, o Targum é uma interpretação em forma de expansão do texto hebraico.

Pois, “além de seu sentido básico de ‘tradução’, o verbo *tirgēm* no hebraico rabínico pode também significar ‘explicar’ um verso bíblico ou um verso da *mishná*, cuja linguagem da explicação se confunde com a linguagem do texto original” (ALEXANDER, 1996, p. 321).

Com respeito a Juízes 11, 29-40, segundo Smelik (1995), a interpretação targúmica é provavelmente mais antiga do que a *midráshica*. Por isso, será o primeiro testemunho a ser considerado na interpretação judaica. É possível que o Targum tenha assumido sua forma escrita básica por volta do II século. Porém, trata-se de uma tradição oral bem mais antiga. Alguns remontam seu começo aos tempos de Esdras e Neemias. Dois pontos podem ser considerados como importantes variantes do texto hebraico. Em primeiro lugar, de acordo com o Targum, o voto é cumprido literalmente, o que é considerado um grave erro. Isso fica claro na tradução de 11,39:

E no fim dos dois meses, ela retornou para seu pai e ele cumpriu nela o seu voto. Ela não tinha conhecido homem algum. E tornou-se um decreto em Israel, para que ninguém possa oferecer seu filho ou sua filha como oferta queimada, como Jefté o Gileadita fez, o qual não foi inquirir Finéias, o sacerdote. Pois se ele tivesse

inquirido Finéias, o sacerdote, ele a teria resgatado com uma consagração monetária.

Como se vê, a narrativa teria propósito exemplar para que o mesmo erro não viesse a ser repetido. Além disso, a falha de Jefté está no fato de que o sacrifício poderia ter sido evitado por resgate monetário previsto pela lei, visto que “as visões rabínicas sobre esse sacrifício assumem que o voto poderia ser facilmente anulado” (SMELIK, 1995, p. 555).

Em segundo lugar, vale destacar que a expansão targúmica não deixa claro se o erro de Jefté foi fruto de um ato inadvertido por um desconhecimento ou se foi um desrespeito consciente caracterizado por uma prática “pagã”, na qual Jefté oferece sua filha a Javé sob influência da religião dos vizinhos de Israel (sincretismo). Porém o intérprete targúmico reage energicamente ao ato de Jefté elaborando sua morte numa nota marginal de Jz 12,7 da seguinte maneira:

E Jefté julgou Israel por seis anos. Então, Jefté, o Gileadita, morreu de ferimentos mortais por que não poupou sua filha e não se sujeitou a Finéias, o sacerdote, que poderia ter desfeito o voto para ele. E seus membros lhe caíram e foram enterrados nas cidades de Gileade.

Embora o texto não esclareça de que modo Jefté é ferido mortalmente, fica claro que tal morte é um juízo sobre ele. A menção de que seus membros são enterrados em mais de uma cidade indica que o mesmo foi esquartejado publicamente. O que confere ao ato do

sacrifício uma notoriedade popular, e por isso uma reação de horror coletivo.

Outro interessante testemunho sobre a interpretação do sacrifício da filha de Jefté está inserido na obra de PseudoFilo, nome atribuído ao autor do “Livro das Antiguidades Judaicas”, um pseudepígrafo judaico preservado em Latim com o nome de “Liber Antiquitatum Biblicarum”, que contém uma narrativa seletiva da história de Israel, de Adão a Davi.



PseudoFilo trata do sacrifício da filha de Jefté no quadragésimo capítulo de seu tratado. O capítulo trata exclusivamente da narrativa de 11, 29-40. O autor expande, também em forma narrativa, a perícopes alterando e acrescentando informações, hinos e diálogos.

PseudoFilo começa com o resumo da batalha aumentando para sessenta cidades conquistadas em vez das vinte cidades mencionadas no Texto Massorético. Em seguida, narra, então, o retorno vitorioso do guerreiro e menciona que algumas mulheres lhe vêm ao encontro, mas na frente vai a filha, que nesta narrativa tem um nome, Seila. Aparentemente, o nome está relacionado com o sacrifício, pois PseudoFilo põe na boca de Jefté: “Certamente teu nome se chama Seila, de modo que deverias ser.” A irrevogabilidade do voto está presente também, pois Jefté afirma não poder voltar atrás. Ademais, o próprio nome da filha apontava preditivamente para seu sacrifício.

Um grande diferencial desta releitura é a descrição da atitude da filha, que participa muito mais ativamente na narrativa. Diante do voto, Seila responde:

E quem é que pode ficar triste em sua morte quando vê o povo liberto? Não te lembras o que se deu nos dias de nossos pais, quando o pai apontou seu filho como oferta queimada, e ele não se opôs, mas consentiu alegremente? E aquele que tinha sido oferecido estava pronto, e aquele que ofereceu estava contente. Agora, portanto, não anule nada do que tens votado, mas me conceda apenas uma oração (PSEUDO-PHILO, 2011).

Desta forma, a voluntariedade da filha é equivalente à do próprio patriarca Isaque. É a filha que instrui o pai e também o anima em face do voto. Em seguida, a filha faz o pedido para peregrinar pelas montanhas junto com suas amigas. E seu pai consente, usando a mesma fraseologia da narrativa bíblica. Entretanto, em Filo, além de lamentar a virgindade, a peregrinação também inclui a preocupação se o voto

seria “aceito” ou não. Ela afirma: “Eu temo que minha morte não seja aceitável, e que perca minha vida sem propósito”. Assim, o autor não traça sua morte desastrosamente, mas a descreve como tendo um propósito, ainda que esse não seja claro na narrativa de PseudoFilo.

A próxima ação é um tanto quanto enigmática e contraditória visto que ele tenta fugir do sacrifício que anteriormente consente em participar. PseudoFilo continua narrando “E Seila, a filha de Jefté saiu, ela e as virgens que eram colegas dela, e veio e falou com homens sábios do povo. E nenhum podia responder suas palavras”. Não fica claro que tipo de indagações a filha fazia. Pode ser que fosse acerca de sua própria situação. A Mishná prescreve que em alguns casos um voto poderia ser anulado pelos “sábios”⁴.

Se for esse o caso, a menina buscou os sábios para que pudessem anular o voto, mas eles não conseguiram. E de acordo com o sonho, exposto a seguir, esse impedimento vinha da parte do Senhor, que planejava que a garota fosse de fato sacrificada. De qualquer forma, o que pode também estar implícito é a intenção do autor de apresentá-la como alguém mais inteligente que os sábios, os quais não podiam responder a suas indagações. Uma referência à sabedoria da filha está nas palavras que lhe serão ditas num sonho noturno expostas a seguir.

4 O costume está prescrito em pelos menos três tratados: Moed Katan 3.1; Nedarin 2.5; Nazir 5.3 em Danby (1988, p. 79).

É muito interessante perceber como a filha é muito menos passiva e relutante do que na narrativa bíblica. Aqui Jefté é o personagem coadjuvante. A filha está no centro. Seria Filo o primeiro exegeta feminista? Filo chega a mencionar uma revelação divina recebida pela filha após chegar ao monte Stelac. Durante a noite o Senhor lhe aparece dizendo:

Veja, agora tenho calado a língua dos sábios entre meu povo diante desta geração, de modo a que não possam responder a palavra da filha de Jefté, para que minha palavra possa ser cumprida, e meu conselho, como tinha planejado, não seja destruído: e tenho visto que ela é mais sábia do que seu pai, e uma donzela de entendimento mais do que todos os sábios que estão aqui. E agora que seu pedido por sua vida seja-lhe concedido, e sua morte será preciosa a minha vista por todos os tempos (PSEUDO-PHILO, 2011).

Não há precedente, cujo registro tenha sobrevivido, no qual a filha tenha uma posição tão elevada. Aqui a filha é considerada mais sábia do que o pai e com mais entendimento do que os sábios de sua época. Outra questão indagadora é o fato de Javé ter planejado sua morte, que é vista como preciosa diante dele. Infelizmente PeudoFilo não dá mais esclarecimentos. Porém, isso já é suficiente para entender que, para ele, sua morte não foi um acidente. Neste ponto, pode-se conjecturar mais um “link” entre Seila e Isaque, embora o fim da última história seja tão diferente.

Antes de Seila voltar ao seu pai para o cumprimento do voto, ela profere uma lamentação especificamente sobre sua virgindade. Essa é uma mistura de pranto porque “não tenho sido saciada na cama de meu casamento” e de preocupação se “minha alma não será tomada em vão”. Logo após o lamento, Seila volta para seu pai, que cumpre o voto que tinha feito. O fim da perícopa descreve muito mais fortemente do que o texto massorético o impacto da morte da filha na comunidade:

E depois que disse estas palavras, Seila voltou ao seu pai, ele fez tudo conforme tinha votado, e ofereceu ofertas queimadas. Então, todas as donzelas de Israel se reuniram e enterraram a filha de Jefté e a lamentaram. E os filhos de Israel fizeram uma grande lamentação e determinaram que naquele mês, no décimo quarto dia do mês, elas deveriam se reunir cada ano e chorar pela filha de Jefté quatro dias. E chamaram o nome de sua sepultura de acordo com seu próprio nome, Seila (PSEUDO-PHILO, 2011).

Como se nota, nesta narrativa, é mencionado o sepultamento da filha do qual “todas” as donzelas de Israel participam e pelo qual todos os “filhos de Israel fazem um grande lamento”. Não só o dia é determinado, 14^o dia do mês (que não é mencionado no Texto Massorético), como lembrança de seu sepultamento e de seu sacrifício, mas também o lugar de sua sepultura é nomeado com seu próprio nome, Seila.

Outra passagem obrigatória na interpretação judaica do primeiro século é Flávio Josefo⁵, que também tratou da narrativa de Jz 11,29-40. Josefo não trata extensivamente da questão do sacrifício de Jefté. A única

menção que é feita sobre a narrativa do capítulo 11 de Juízes ocupa dez versos do capítulo sete no livro cinco das Antiquidades Judaicas (WHISTON, 1996, p. 257-266). Em contraposição a PseudoFilo, Josefo segue bem de perto o texto bíblico, acrescentando apenas algumas informações ou detalhes novos. Os versos podem ser praticamente considerados uma paráfrase do texto massorético. Apenas no final do verso 266 Josefo se posiciona, ainda que brevemente, diante da narrativa. A tradução usada para as citações abaixo pode ser encontrada na obra de William Whiston “The Works of Josephus”, onde o autor publica as obras completas de Flávio Josefo em língua inglesa.

No verso 263, Josefo começa a exposição de Jz 11,29-40 propriamente dita. Josefo salienta que Jefté orou pela vitória e votou “realizar ofícios sagrados, e se voltasse ao lar em segurança, oferecer em sacrifício a criatura viva que primeiro o encontrasse”. É interessante notar a forma piedosa como o personagem é apresentado a princípio. Aparentemente, até este ponto, não havia nada de errado com as ações de Jefté. Pois, possivelmente, “realizar ofícios sagrados” não implica oferecer sacrificialmente um ser humano, e menos a própria filha. Ademais, de acordo com Josefo, o voto de Jefté incluía oferecer em sacrifício à primeira “criatura viva” que aparecesse. Embora seja inegável que “criatura viva” ainda envolva certa ambiguidade, a expressão tende a caracterizar mais um animal do que uma pessoa.

Isso pode indicar que na ótica de Josefo, Jefté não tinha, a priori, um sacrifício humano em vista. O fim do verso destaca a amplitude do êxito obtido diante dos

amonitas, que Josefo caracteriza como “grande vitória”. Como resultado Jefté tomou o despojo e “alimentou seu próprio povo”. Depois de relatar o retorno e o encontro com a filha no versículo 264, a reação dela é descrita no versículo 265. Josefo assim a expõe, “Embora esta ação devesse recair sobre ela, não lhe foi desprezível, visto que deveria morrer por ocasião da vitória de seu pai, e da liberdade de seus concidadãos” (WHISTON, 1996, p. 265). Desta forma, a filha concebe seu próprio sacrifício como necessário e significativo; não o vê como “desprezível”. Necessário, pois ela “deveria morrer”, e significativo, porque se dava em face da “vitória de seu pai” e da “liberdade de seus concidadãos”. Assim, na narrativa de Josefo, a filha segue sem muita autonomia.

Do mesmo modo que em PseudoFilo, Josefo não deixa claro por que a menina “deveria” morrer. Essa é uma diferença marcante entre Josefo (e PseudoFilo) e a literatura rabínica que entendia que a morte da filha poderia ter sido facilmente evitada. Na literatura rabínica não há nem sombra de inevitabilidade, nem qualquer interpretação que ligue as ações de Jefté à vontade de Deus.

(Entendo claramente duas coisas: Deus não queria sacrifício humano e nem vejo outra interpretação possível senão que ela foi de fato sacrificada e não apenas foi dedicada ao serviço de Deus. Ela foi literalmente queimada em holocausto. Por mais estranho que isto pareça para nossa mentalidade moderna.)

Em seguida, a filha pede para lamentar, por dois meses, a “sua juventude”. Interessantemente, a temática da virgindade está ausente por completo da narrativa de

Josefo; a palavra é mencionada apenas uma vez para descrever sua condição:



“Ela era também a única filha e uma virgem”. É muito interessante também perceber a palavra usada pelo autor para denominar o grupo que acompanha a filha de Jefté durante os dois meses, que neste caso, é uma peculiaridade de Josefo: em vez das “amigas”, são os politw, “cidadãos” que lhe acompanham.

A palavra é usada para designar os habitantes de uma, “cidade”, e serve para designar um grupo que pode ser formado tanto por homens quanto por mulheres. Não há espaço aqui para conjecturar sobre a razão para isso. Contudo, duas possibilidades podem ser brevemente apontadas. As amigas que a acompanham no texto bíblico, aparentemente, também eram virgens e acabam, por sua menção na história, reforçando a temática da virgindade dentro da narrativa.

Mas, por alguma razão, essa temática não é importante para Josefo e parece ser conscientemente ignorada em sua exposição. Além disso, vale lembrar que um dos objetivos de Josefo em sua obra é helenizar a narrativa judaica, adotando a fraseologia e conceitos dos autores gregos e despertar a atenção dos interessados por filosofia. Nesse caso, nada melhor do que usar uma palavra, tão difundida e significativa no mundo greco-romano (BALZ; SCHNEIDER, 1993, p.129).

Então, no verso 266, a narrativa se encaminha para o desfecho. Seguindo o texto bíblico, Josefo encerra abruptamente a história: “Portanto, quando este tempo acabou, ele sacrificou sua filha como uma oferta queimada”. Josefo nada comenta sobre o costume das filhas de Israel de lamentarem anualmente quatro dias a morte da filha. Ao repetir, no cumprimento do voto, a expressão “sacrificou sua filha como uma oferta queimada”, Josefo deixa claro sua posição. Essa conclusão também é confirmada pela nota final em que o autor emite sua opinião sobre o ato de Jefté:

“oferecendo esta oblação que nem era compatível com a lei nem aceitável a Deus, não ponderando consigo mesmo que opinião os ouvintes teriam de tal prática”. É

instrutivo notar que Josefo usa o termo cúltico grego oblação⁶ que na Septuaginta geralmente traduz o termo hebraico que é usado para diversos tipos de ofertas, principalmente “uma oferta trazida a Deus livremente” (PFEIFFER; VOS; REA, 2005). De fato, para Josefo, essa não era uma oferta requerida por Deus. Nessa crítica, Josefo deixa claro para sua audiência Greco-romana sem recorrer a alegorizações ou expansões do texto que tal oferta estava em desacordo com a lei dos judeus e que Javé não a requeria nem a aceitava.

Por fim, vale a pena levar em conta a posição midráshica sobre o texto.

Acertadamente, Strack (1992, p.819) afirma que “o termo midrash não pode ser precisamente definido, apenas descrito”. No presente artigo, o termo estará restrito aos resultados dos estudos rabínicos que foram fixados na forma escrita entre 400 d.C a 1200 d.C. Geralmente, o midrash rabínico está dividido em halákico, que trata diretamente com material legal (Torah), e o haggádico, que possui material homilético e/ou exegético, cujo ímpeto é mais expositivo e exortatório. Quase sempre a interpretação se dá através de expansões e acréscimos da narrativa bíblica. Da mesma forma, o autor normalmente não separa seu próprio acréscimo à narrativa canônica, gerando uma confusão para o leitor despercebido entre o que é inserção rabínica e o que é a narrativa original. A menção feita ao sacrifício de 6 Oblação: A palavra é frequentemente encontrada na KJV (King James Version) em Levítico e nos profetas maiores. Os termos hebraicos incluem ofertas de todos os tipos, de ofertas pacíficas aos vasos de ouro e prata, ou mesmo a terra dedicada ao Senhor (Ez 48,12). Em Nm 31,50, há

uma nota distinta de propiciação, mas sua ênfase está no reconhecimento geral da bondade e da elevada honra de Deus. Às vezes, oblação pode expressar uma percepção no ofertante que ele mesmo pertence a Deus (PFEIFFER; VOS; REA, 2005).



Juízes 11 está presente na literatura midráshica haggádica, ou seja, de ordem mais homilética e expositiva. É nesse grupo de escritos que o presente estudo se deterá. O autor que melhor resume o pensamento rabínico midráshico sobre a interpretação do sacrifício da filha de Jefté é Louis Ginzberg.⁷ Em seu tratado “The Legends of Jews”, o autor apresenta uma síntese sobre uma vasta porção de textos homiléticos e exegéticos não legalísticos (haggadah) de toda a literatura rabínica clássica, bem como de pseudo-epígrafos judaicos e até mesmo de literatura cristã